

## Os sertões de Bandeira de Mello

Mauricio O. Dias

Nos dias atuais, papéis contendo obras dos mestres italianos do 'Quattrocento' constam dos acervos de museus e coleções particulares. Esforços e cuidados foram e são necessários para preservá-los por quinhentos anos: seu destino natural após algumas décadas, é, gradativamente, deteriorar-se. Se gerações de homens se esforçaram para preservar os papéis com obras do 'Quattrocento', é porque julgou-se haver um valor intrínseco neste conteúdo.

Boa parte das matérias de jornal, em que pese o crescimento do jornalismo online, ainda chegam até nós via papel. Mas, salvo os arquivos de imprensa – fundamentais em sua atividade – não se espera que aquele papel no qual se encontra o texto jornalístico dure por séculos. É até um clichê do ofício, que todo jornalista já ouviu: 'O jornal de hoje amanhã estará embrulhando peixe na feira.' Ou forrando gaiola de passarinho, este tipo de coisa. Não se objetiva que o que está ali será importante daqui a quinhentos anos. É algo efêmero, para noticiar ou comentar um fato recente, e ser esquecido no dia seguinte, quando outra edição do jornal tomará o lugar da anterior.

No entanto, a este veículo 'jornal impresso', associado por sua própria natureza ao imediatismo e ao efêmero, legou-se nos últimos cento e cinquenta anos a tarefa de apontar a seus leitores o que seria arte. Um erro fundamental, porque ele não se destinava a isso. Com o passar dos anos, todo o segmento que se dedicava e dependia economicamente da arte – marchands, galerias, e artistas –, foi gradativamente notando os benefícios econômicos de se associar a mídia, e desenvolveu um conluio com esta. A mídia passou a influenciar e selecionar os artistas por seus próprios critérios, e não pelos da arte.

Ao celebrar aquele que faz uma arte efêmera, o jornalista – assim como o apresentador de TV, o publicitário e outros homens de mídia – celebra de forma narcisista o seu próprio ofício: a busca pela novidade de hoje que será esquecida amanhã.

Mas isto não é crítica de arte; e chamá-la assim é algo espúrio.

Nem tudo que saiu escrito é descartável, claro. Homens brilhantes, percebendo a força da mídia, usaram-na para falar de arte de forma relevante, e tivemos nomes como Baudelaire, John Ruskin, e outros - aqui no Brasil, podemos citar Gonzaga Duque. Mas estes são exceções, não a regra.

O mundo das artes se encontra, já há décadas, em um estado de caos. A meu ver, boa parte deste caos é produto da ação da mídia. No ano de 2002 escrevi e publiquei num site de internet um texto intitulado 'Escrita e Artes Visuais'. Comecei-o com uma citação do escritor João Guimarães Rosa, percorri o texto falando sobre a relação entre mídia e arte, para terminá-lo falando de Lydio Bandeira de Mello. E relatei ali, de forma bastante breve, os dois grandes artistas, o das palavras e o da imagem.

Esta relação é para mim muito nítida. Bandeira de Mello, quando concorreu em 1970 ao Concurso para a realização de um grande mural para a Caixa Econômica Federal, adotou o pseudônimo – o que acertadamente deveria ser exigência de qualquer concurso – ‘mineiro’. A mesma Minas Gerais rural e agreste que impregna os livros de Guimarães Rosa pode ser vista nos quadros do pintor. Não obstante sejam ambos homens cosmopolitas e viajados, que passaram a maior parte de suas vidas em metrópoles fora de Minas, e conheceram bem a Europa - berço-mãe da cultura ocidental - , ao produzirem sua arte, voltam-se para o sertão mineiro. Mas este sertão, geográfico, além de espelho da biografia do artista, é referência a outro sertão: o sertão da Alma.

Às vezes o sertão mineiro de Bandeira de Mello aparece disfarçado em outro sertão, algo bíblico. Vemos tipos semelhantes a apóstolos e frades trajando modestas batas, mas a preferência do pintor pelos tons terra e até sua paixão pela técnica da têmpera - que proporciona à tela menos brilho que a pintura a óleo - remetem constantemente à aridez. É o ambiente árido encontrado pelo indivíduo que se assume enquanto tal, que não aceita ser reduzido a um membro da massa, a um seguidor dos caprichos da moda; ele é uno. Da consciência desta individualidade decorre certa solidão. Solidão, a qual, para muitos é dolorosa, mas para alguns artistas é o único terreno onde ele pode exercer o reencontro com o ato de criar. Ato este que, a teologia nos ensina, foi iniciado por Deus, com o ‘Fiat lux’ ( אור יהי ). É em meio a esta solidão que ele fará suas escolhas, lutar pela sua subsistência, e traçará seu caminho.

Ao mesmo tempo, a arte não se encerra no momento da criação. Nenhum artista mentalmente não faz sua arte e a esconde ou a destrói. Ele de alguma forma quer que ela toque ao seu semelhante.

Embora a arte visual e a comunicação visual possam se utilizar de alguns elementos em comum, seus objetivos são diferentes, e talvez até mesmo incompatíveis. Mas isto não quer dizer que a arte não tenha a função de comunicar. A função existe, claro, é através dela que o artista mostra seu mundo interior ao mundo exterior. E é fundamental que exista, pois como o próprio Bandeira de Mello costuma dizer, o encontro com o outro ser humano é fundamental até para manter a espécie, pois o ser humano precisa de outro, para, juntos, se perpetuarem (talvez caiba mais uma analogia com o poder de criação do próprio Deus, que era a princípio uno, e depois, com o cristianismo, aos olhos dos seguidores desta corrente, tornou-se trino).

Se na história da arte há artistas cuja obra é profundamente ligada ao ambiente da cidade, como Vermeer e Toulouse-Lautrec, a de Bandeira de Mello pertence à categoria oposta, sendo centrada no homem em meio à natureza. Ao senso plástico do artista se adequam mais o homem em meio às formas das montanhas, rios, lagoas e cerrados, com o auxílio de seus companheiros há milênios: cães, bois, e cavalos – este um animal já tão belo na natureza, e que surge nas obras exponencialmente plástico com a representação de sua musculatura e movimento. E o artista, com sessenta anos de vivência na cidade do Rio de Janeiro, segue alheio ao grafismo dos prédios e avenidas recheadas de automóveis, muitas vezes desumanos em sua superpopulação (contra a qual ele constantemente se pronuncia aos conhecidos).

E há também os retratos e os maravilhosos nus, talvez onde mais facilmente o espectador leigo poderá observar o domínio absoluto que o artista possui sobre a técnica, fruto de um talento incomum aliado à prática exercitada ao longo de décadas ininterruptas. E que ressalta aquela que é, a meu ver, uma das características mais especiais da arte de Bandeira de Mello: o domínio sobre a técnica nunca é fim em si mesmo, um exercício de virtuosismo como pode ser visto em alguns hiper-realistas bobos, mas está sempre a serviço da poesia.

Num mundo dominado pelo descartável e pelo massificado, uma arte como a de Bandeira de Mello é o tipo de manifestação humana que gerações lutam para preservar através dos séculos. O testemunho ali contido sobre o homem, os bichos, e a terra, perdurará.